

Editorial

Motrivivência Ano XV, Nº 20-21, P. 9-25 Mar./Dez.-2003

MOTRIVIVÊNCIA E SEUS 15 ANOS DE EXISTÊNCIA: uma celebração da rebeldia, transgressão e resistência

Pelas terras invadidas	Pelos dentes apertados
Pelos povos conquistados	Pela raiva contida
Pela gente submetida	Pelo nó na garganta
Pelos homens explorados	Pelas bocas que não cantam
Pelos mortos na fogueira	Pelo beijo clandestino
Pelo justo injustiçado	Pelo verso censurado
Pelo herói assassinado	Pelo jovem exilado
Pelos povos apagados	Pelos homens proibidos
...Eu te amo liberdade	...Eu te amo liberdade

(Giancarlo Pagliaro)

Completamos 15 anos de existência e, isso é motivo de festa, celebração, comemoração. Assim, algumas perguntas se colocam, como por exemplo: por quê essa celebração? Temos motivos para celebrar e fazer festa? Tais perguntas se colocam como fulcrais, sobretudo, num momento histórico em que vivenciamos tantas violências

oportunizadas pelas leis que regem o capital, que destroem a natureza, os direitos dos trabalhadores, a coletividade, a sociabilidade. Essas formas de violência real são representadas na vida cotidiana, através das desigualdades econômicas, sociais e culturais, das exclusões econômicas, políticas e culturais, do autoritarismo que regula as relações

sociais, da corrupção como forma de funcionamento das instituições e outras¹. Apesar desse quadro de barbárie, estamos celebrando a existência da Motrivivência, sobretudo, por se constituir num espaço privilegiado para a possibilidade utópica de produzir e veicular conhecimento crítico, fato este que retrata como a nossa trajetória editorial é marcada por lutas e resistências à lógica societal do capital. Essa nossa posição crítica se justifica em vista de que, a nosso ver, não é possível construir e veicular conhecimento sem levar em consideração, na dimensão da Ciência e Tecnologia, as relações críticas entre Ciência e Sociedade, Ciência e Economia, Ciência e Mercado, Ciência, Trabalho Humano e Soberania, enfim, Ciência e Educação.² Dito isto, convém lembrar que as políticas científicas desenvolvidas pela CAPES, CNPQ e outros órgãos de fomento à pesquisa, são responsáveis pela penúria porque passam muitos periódicos, indo até o caso extremo da morte prematura de alguns projetos editoriais quer agonizam pela falta de apoio, incentivo e financiamento. Contudo, esse descaso não é

recente e remonta aos governos de clara orientação neoliberal, iniciando com Fernando Collor de Melo, passando por Fernando Henrique Cardoso, culminando como o Governo atual de Luis Inácio Lula da Silva.

Em meio a esse emaranhado de promessas não cumpridas, de crise ética na política, do compromisso do atual Governo brasileiro para com a burguesia e não para com os problemas e demandas de relevância pública dos trabalhadores, a Motrivivência, acompanha tudo isso, critica e sobrevive! Sendo assim, a nossa celebração de 15 anos se justifica em virtude de, mesmo sem o apoio dos órgãos de fomento à pesquisa, não termos perdido a utopia de seguir adiante com esse projeto editorial. Neste momento, ao levantarmos as taças para os brindes em favor da sua existência com resistência, transgressão e rebeldia, somos impelidos a recuperar a epígrafe de Dias Gomes (...) Há um mínimo de dignidade que o homem não pode negociar, nem mesmo em troca da liberdade (grifo nosso), nem mesmo em troca do sol.³

Considerando tudo há motivos para a celebração dos 15

anos desta revista, da sobrevivência do nosso projeto, muito embora que a moldura que compõe o quadro da conjuntura nacional e internacional seja de barbárie. Isto significa reconhecer que o modo de produção capitalista produz aqui e alhures, através de sua Economia Política, um enorme fosso de miséria, desigualdades, violência, adiando sonhos, destruindo direitos, ceifando vidas, em suma, deteriorando as subjetividades de crianças, jovens, adultos, velhos e velhas.

Todo esse processo destrutivo se constitui no que se costuma chamar de globalização da economia, a qual é a expressão desumana do capital, que cresce cotidianamente, mas sob os protestos e resistências da classe trabalhadora, através dos movimentos anti-globalização. Todo esse movimento é fruto de inexoráveis coerções externas das instâncias do capital internacional, para que os assalariados e a juventude se adaptem às exigências deste capital e aceitem todas as políticas governamentais retrógradas e destruidoras das relações sociais e da própria existência humana⁴. Isto faz com que uma massa enorme de ex-

cluídos se converta numa sociedade de escravos, fazendo com que estes, como diz Viviane Forrester, estejam incluídos até a medula num mundo do trabalho cada vez mais precarizado, tornando o labor desses trabalhadores cada vez mais supérfluo para o capital.⁵ Estas vicissitudes do capital, no entanto, se circunscrevem na expressão de sua própria crise econômica, a qual não resulta da negação das tendências do período de expansão, mas sim do seu desenvolvimento exacerbado, e das tendências que explicam a chamada globalização econômica. Esta, por sua vez, compreendida não como um estágio superior do desenvolvimento capitalista, mas como uma manifestação extrema da barbárie, de seu declínio e crise⁶.

Quem acompanhou a história desta revista há de ter percebido que, durante esses 15 anos, esteve sempre buscando legitimidade enquanto projeto científico e ao mesmo tempo procurando sair dos cânones da ciência positivista ainda tão impregnada em grande parte dos periódicos da nossa área, salvo raras excessões. Além disso, buscou sempre considerar o rigor dos tex-

tos, artigos, relatos, resenhas e pontos de vista, através dos pareceres de seus colaboradores, buscando, deste modo, apesar ainda de seus limites, manter uma linha editorial que possibilite a veiculação de uma produção científica de qualidade, tanto de doutores e experientes pesquisadores quanto de iniciantes na pesquisa, inclusive acadêmicos estudantes.

Por toda essa trajetória persistente, nós, editores e comissão editorial, pensamos que temos motivos suficientes para celebrar o limiar de 15 anos de sua existência. As razões são muitas e as mais diversas; no entanto, neste editorial destacaremos apenas 15 motivos que se articulam reciprocamente.

O primeiro motivo é pelo fato de não termos perdido o fôlego crítico e combativo, frente às constantes ameaças e destruição das forças produtivas e dos meios de produção, que abrangem, sobretudo, a educação, as tensões entre capital e trabalho, a saúde, a ciência e a tecnologia. Além disso, vimos acompanhando nas diversas edições da revista a maneira como reformas da Previdência, Trabalhista, Universitária, estão dominadas pela propriedade

privada e pelos gestores do capital internacional, sobretudo as que se travam no âmbito das políticas das instâncias de fomento à Educação, Ciência e a Tecnologia.

No âmago dessa lógica privatista, a universidade brasileira continua sendo destruída pelo atual governo, que, a exemplo dos anteriores, está colocando em prática a ideologia, as ordens e os princípios do Banco Mundial, no que se refere à oferta privada do ensino superior. Nesta perspectiva, a universidade pública vem passando por mudanças nos últimos anos, paralelamente à reforma do Estado, realizada no último governo da república e culminando com as reformas do governo atual. Ao definir os setores que compõem o Estado, essa reforma designou um dos setores como Setor de Serviços não exclusivos do Estado e nele colocou a educação, a saúde e a cultura. Isso resultou que a) a educação deixou de ser concebida como um direito e passou a ser considerada como um serviço; b) a educação deixou de ser considerada um serviço público e passou a ser considerada um serviço que pode ser privado ou privatizado; c) a reforma do Estado definiu a universidade como uma organização social e não como uma instituição social⁷.

⁷ Cf. Conferência de Abertura da ANPEd proferida por Marilena Chauí em 05/10/2004-Poços de Caldas/MG.

Esses princípios e recomendações estão contidas em documento do Banco Mundial datado de 1995 e intitulado O ensino superior: as lições derivadas da experiência, no qual está previsto que (...) Os governos podem estimular o desenvolvimento da educação terciária privada, para complementar as instituições estatais, como forma de controlar os custos do aumento da matrícula da educação superior, aumentar a diversidade dos programas de ensino, e ampliar a participação social no nível terciário (grifos nossos). A esse respeito, urge lembrar que o cumprimento dessas lições e ordens do Banco mundial estão contidas no Programa Universidade para Todos (PROUNI) na perspectiva da Reforma Universitária, cujo objetivo é avançar em favor do setor privado. Deste modo, a Medida Provisória 213 de 10 de setembro de 2004 pretende: a) regulamentar o setor educacional privado; b) estabelecer políticas de acesso de segmentos desfavorecidos socialmente; c) e regulamentar o funcionamento das instituições filantrópicas.⁸ Isto posto, esta revista não concorda e denuncia o objetivo principal deste programa, isto é, o estabelecimento de parcerias público-privadas, tendo como

eixo a expansão da educação superior do país, fortalecendo ainda mais a ingerência da propriedade privada e as relações Ciência, Tecnologia e Economia Política⁹, instaurando claramente o ensino pago no âmbito da Universidade Pública, transformando-a, no dizer de Marilena Chauí, em Universidade Operacional.

O segundo motivo, que se articula com o primeiro, é fato de não termos negociado a imagem e a credibilidade da revista em nome do patrocínio sedutor calcado nas propagandas do deus mercado da Indústria Cultural. Neste termos, nunca aceitamos nos aliar aos fetiches das mercadorias da Sociedade do Espectáculo, cognominada por Guy Debord, cujos representantes são as multinacionais como Coca-Cola, Mac Donalds, Reebok, Nike, etc.

O terceiro motivo se impõe em virtude de, implícita e explicitamente, em nossos editoriais e alguns artigos, termos incentivado a reflexão acerca das políticas do corpo que estão expressas nas políticas públicas gestadas pelo Estado e seu divórcio com a sociedade civil e por fim nas estatísticas (IDH - Índice de Desenvolvimento Humano) e de outras instituições como DIEESE,

IBGE, OIT e UNICEF. Por todas essas evidências da realidade objetiva, privilegiamos nosso foco teórico para as relações entre corpo, sociedade e classe social, enfim, para o corpo produtivo. Neste sentido, procuramos, na medida do possível, trazer para os editoriais, o corpo dos trabalhadores assalariados brasileiros empobrecidos; corpo este que é produtivo porque trabalha como produtor de mercadorias e mais-valia para o capitalista, com o fim único de tornar o capital mais rentável, a partir da mediação entre o social e o biológico¹⁰. Trata-se, portanto, do corpo social, pertencente ao que Ricardo Antunes chama de classe-que-vive-do-trabalho, ou ainda, de acordo com Robert Castell, aqueles-que-vivem-do-trabalho-mas-que-já-não-trabalham. Sendo assim, privilegiamos reflexões teóricas sobre políticas do corpos que criticam radicalmente o corpo-mercadoria propagado pelas multinacionais (Nike, Adidas e outras), o corpo, utilizando uma expressão de Milton Santos, das classes obesas. Em suma, procuramos trazer para a revista as imagens do corpo das crianças empobrecidas da zona urbana e rural, como por exem-

plo, as desnutridas do sertão nordestino, da África e outros continentes, cuja estrutura corporal é quase o peso de um passarinho¹¹.

O quarto motivo advém do fato de mantermos as críticas ao modo de produção capitalista, principalmente, no que diz respeito ao mundo do trabalho, especificamente, no que tange ao crescimento do desemprego que, segundo a OIT, chega a aproximadamente 1,5 bilhões em todo o planeta, sem incluir aí o subemprego. Trata-se de enormes contingentes de homens e mulheres terceirizados, subcontratados, part-time, exercendo trabalhos temporários, entre tantas outras formas assemelhadas de informalização do trabalho, que proliferam em todas as partes do mundo¹². Nesta mesma dimensão, no âmbito das críticas ao mundo do trabalho, publicamos a Sentença do Tribunal Independente contra o Trabalho Infantil (revista n.9) realizado na Cidade do México, que levou o Neoliberalismo ao Banco de Réus, condenando-o e culpando-o pelos 250 milhões de crianças exploradas em todo o mundo. O referido Tribunal responsabilizou os governos neoli-

berais, o FMI, o Banco Mundial, a União Européia, o Tratado de Livre Comércio e a Organização das Nações Unidas, pelas conseqüências destruidoras causadas pela economia política neoliberal a mais de 1 bilhão de trabalhadores no mundo e, conseqüentemente, aos milhões de crianças e jovens exploradas pela perversão dessas políticas de ajuste das instituições gestoras do capital internacional.¹³

O quinto motivo da celebração dos 15 anos da revista se destaca por termos privilegiado em nossos editoriais não apenas a denúncia das destruições engendradas pelo modo de produção capitalista, mas sobretudo por reconhecer a legitimidade, força política e pertinência da luta de classes, enquanto motor da história e luta política, pois afinal, como já anunciara Marx e Engels, A história de todas as sociedades até agora tem sido a história da luta de classes¹⁴. A esse respeito, temos ressaltado nos editoriais o nosso reconhecimento pela resistência dos trabalhadores em todo o planeta, na luta contra a exploração do trabalho e as ingerências imperialistas dos Estados

Unidos, principalmente no que tange aos movimentos antiglobalização (Seattle, Washington, Gênova, Montreal, Genebra, Davos e até durante as Olimpíadas de Sidney) e aos protestos anti-imperialistas contra as invasões de Bush ao Iraque, Afeganistão e em outras regiões do mundo.

Como sexto motivo, destacamos o fato de fazer sempre um esforço de vigilância crítica e epistemológica, no sentido de não publicar textos sobre amenidades e efemeridades pós-modernas¹⁵, modas do mercado espetacular dos esportes, práticas corporais mercantilizadas e indústria do entretenimento, preferindo, em alguns de nossos editoriais e textos de colaboradores, anunciar, ainda que de forma tímida e não explícita, um outro modelo de sociedade sem exploração, isto é, de uma sociedade socialista, sobre a qual Emir Sader no livro 7 Pecados do Capital¹⁶ diz o seguinte:

Esse tipo de sociedade tem o nome de socialismo (grifo nosso), baseando-se na socialização dos meios de produção, na decisão coletiva, to-

mada democraticamente, a respeito do que produzir, quanto produzir, por que preço produzir, para quem produzir. Numa sociedade desse tipo elimina-se não apenas a exploração, como a alienação, fazendo-se do trabalho humano não um instrumento de sobrevivência (grifo nosso), mas de liberdade e de emancipação.

Seguindo essa linha de reflexão, para que essa nova sociedade seja possível de construção, talvez seja preciso pensar junto com Milton Santos ao nos anunciar que:

(...) estamos convencidos de que a mudança histórica em perspectiva provirá de um movimento de baixo para cima, tendo como atores principais os países subdesenvolvidos; os desertados e os pobres e não os opulentos e outras classes obesas; o indivíduo liberado partícipe das novas massas e não o homem acorrentado; o pensamento livre e não o homem acorrentado.¹⁷

Colocadas essas questões, evidenciamos que o projeto editorial da Motrivivência não concorda, portanto, com o discurso pós-moderno, que propaga a suposta mor-

te da modernidade, das utopias e das ideologias, colocando no lugar outros valores que privilegiam os anúncios do efêmero, do individual, do estético, numa verdadeira cultura de evasão da realidade. Nestes termos é que (...) A acumulação flexível foi acompanhada na ponta do consumo, portanto, por uma atenção muito maior às modas fugazes e pela mobilização de todos os artificios de indução de necessidades e de transformação cultural que isso implica. Neste sentido, empregamos o conceito de pós-modernidade com base em Harvey (1998) e Anderson (1999), os quais referem-se ao mundo do trabalho no âmbito da lógica neoliberal, a partir da acumulação flexível, compreendendo a pós-modernidade como uma fase do capitalismo na contemporaneidade e as formas de trabalho a ela associadas que foram substituídas pela flexibilização do trabalho.

Dito isto, convém reforçar que a estética relativamente estável do modernismo fordista cedeu lugar a todo o fomento da instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercantilização de formas culturais. Em linha gerais, isto é, no

ponto de vista econômico, cultural, político e social, pode-se dizer que as principais características da ideologia pós-moderna são: a ausência de distinção entre esquerda e direita; a ciência como mero jogo de linguagem; a informação contando mais do que a produção; desmaterialização do dinheiro; a verdade confundida com desempenho; o relativismo cultural; a transformação do cultural em econômico e do econômico em cultural; o pluralismo e ecletismo doutrinários; a submissão ao Deus-mercado; as privatizações; a supremacia do espaço sobre o tempo; o fim da história e da memória; o econômico predominando sobre o social; a simbiose entre cultura e comércio; a pornografia de massa, a diminuição e banalização dos afetos; a recusa das causas e da gênese das coisas; a impotência e manipulação cívica do voto; o banco dominando a fábrica, a alienação substituindo a emancipação. Em suma:¹⁸

(...) de acordo com essa ideologia: a razão, a verdade e a história são mitos totalitários; o espaço e o tempo são sucessão efêmera e volátil das imagens velozes e a compreensão dos lugares e instantes na

irrealidade virtual, que apaga todo o contato com o espaço-tempo, enquanto estrutura do mundo; a subjetividade não é a reflexão, mas a intimidade narcísica e a objetividade não é o conhecimento do que é exterior e diverso do sujeito, e sim um conjunto de estratégias montadas sobre jogos de linguagem, que representam jogos de pensamento¹⁹.

O sétimo motivo se dá em razão de, modestamente, termos instaurado na nos periódicos da Educação Física, a relevância de trabalhar através de temas como o currículo, o esporte, educação física escolar, corpo, políticas públicas, gênero e outros. Deste modo, comemoramos o fato de termos mantido o eixo temático da revista, cujos conteúdos implicam em importantes contribuições para a graduação e pós-graduação. Essa perspectiva temática possibilitou trazer à baila os debates teóricos específicos da Educação Física, articulando-se, assim, de maneira interdisciplinar, aos temas e reflexões filosóficas de caráter universal, emergente, concreto e relevante das ciências sociais e humanas.

O oitavo motivo surge por uma questão de forma e conteúdo, que se justifica pelo fato de termos conseguido até hoje manter uma relação dialética entre Ciência e Arte, (poesia, desenhos, ilustrações) à medida que privilegiamos o diálogo entre uma estética sensível e politizada com uma ciência de relevância social e teórica. Esse fato faz com que não nos submetamos aos enquadramentos, aos modelitos de revista positivista, sugeridos pelos órgãos de fomento à pesquisa. Tal posição epistemológica resulta no fato de recebermos o pífio conceito C no Qualis/CAPES, conceito esse de natureza técnico-burocrática e inspirado na lógica neoliberal da qualidade total. Em contrapartida, é necessário lembrar que ela é muito bem conceituada e adotada na graduação e programas de pós-graduação da educação física e outras áreas do conhecimento. Portanto, esta avaliação não institucional parece oculta, porém, é manifestada de forma real na produção científica da área, no âmbito das revistas científicas e anais de congresso. Considerando esses argumentos, queremos expressar a nossa alegria em não mitificar o conceito C e, ao mesmo tempo nos alegrar pela nossa liberdade de expressão e autonomia editorial. Por esses motivos, nos alegra comemorar e continuar nesse caminho, tentando, na medida do possí-

vel, em termos de forma e conteúdo, manter a cara e as idiossincrasias da Motrivivência.

O nono motivo se traduz pelo fato de termos publicado nas diversos editoriais críticas às políticas públicas de caráter meramente emergencial, assistencialista, paternalista do governo passado e do atual, do tipo Fome Zero, Bolsa Escola, Bolsa Família, cujos programas trazem em seu bojo o gosto amargo dos Planos de Ajuste Estrutural ou cardápios do FMI e Banco Mundial. Essas políticas, no nosso entender, terminam por inculcar formas temporárias de inclusão social no âmbito das políticas de Educação e Trabalho e outras, prometendo incluir-excluindo, se constituindo, assim, numa forma, ao mesmo tempo explícita e velada, de inclusão precária, marginal e perversa, além da banalização do conceito de cidadania.

O décimo motivo, articulado com os outros supramencionados, reside no fato de termos trazido à tona o debate sobre os movimentos sociais (Edição n. 14), ressaltando o significado político do projeto e experiências do MST através de textos, relatos e poesias, buscando com isso dar um lugar de destaque a esse movimento emblemático que luta contra a propriedade fundiária, em favor da reforma agrária, justiça, trabalho, educação, ter-

ra, enfim, dignidade e cidadania no campo. Neste sentido, nos resta concordar com Marx ao dizer: (...) Nada parece mais natural, por exemplo, do que começar pela renda da terra, pela propriedade fundiária, dado que está ligada á terra, fonte de toda a produção e de todo o modo de ser, e por ela ligada á primeira forma de produção de qualquer sociedade que atingiu um certo grau de estabilidade a agricultura²⁰. Essa nossa posição em relação aos movimentos sociais ficou bem nítida, ao publicarmos o poema de Haroldo de Campos, no número 9, intitulado O Anjo Esquerdo da História, publicado após o massacre dos Sem terra em Eldorado dos Carajás:

Os sem terra afinal
Estão assentados na terra;
Ei-los plenitude da guerra:
De sem terra
Passaram a enterrados
Desterrados do sopro de vida
Aterrados
Aterrizados
Terra que a serra terna
Poliposseiros terra
Sementes de uma vala (bala) comum

Pelo avesso afinal
Entranhados no luto ventre do latifúndio
Que é improdutivo
Revelou-se assim ubérrimo.

O décimo primeiro motivo é por termos publicado dois números dedicados ao polêmico e controverso tema da Mídia e termos denunciado, nos posicionado contra, as artimanhas da razão imperialista e fascista dos EUA, no que diz respeito as imagens de destruição construídas pelas novas tecnologias bélicas e midiáticas, as quais se constituem em estratégias desse poder imperialista para invadir e dominar os países, e implantar, por exemplo, a ALCA-Acordo de Livre Comércio das Américas na América Latina²¹. Além do mais, publicamos textos de natureza crítica acerca das imbricadas relações entre Mídia e Esporte, Mídia e Indústria Cultura e, por fim, espetacularização do Esporte.

Como décimo segundo motivo, se destacam as homenagens que fizemos a cientistas, poetas, músicos e personagens da história

da política, cultura e arte em geral, os quais, de algum modo, com suas produções e reflexões filosóficas, deixaram um legado para desconstruir a lógica do capital no tempo e espaço da vida cotidiana. Por esse motivo, elegemos os artistas e cientistas que se seguem, na esperança de que suas teorias, poesias e canções possam ter contribuído para novas palavras de ordem a favor de um projeto de sociedade socialista a caminho. Obrigado: Cazusa, Raul Seixas, Gonzaguinha, Mário Quintana, Florestan Fernandes, Paulo Freire, Herbert de Souza (Betinho), Josué de Castro, Maurício Tragtemberg, João Cabral de Melo Neto, Milton Santos, Barbosa Lima Sobrinho, Pierre Bourdieu, Hilda Hilst, Otávio Iani.

O décimo terceiro motivo é termos anunciado as comemorações dos 150 Anos do Manifesto do Partido Comunista, escrito por Marx e Engels, considerando a sua vigência e atualidade, no sentido de, de forma contextualizada às novas determinações históricas do capitalismo, continuarmos criticando esse modo de produção, considerando-o, assim, como um marco histórico, desvendando o presente, anunciando futuros, inescapável para quem ainda

não desistiu de pensar a revolução e de lutar por ela.²²

O décimo quarto motivo abrange também todos outros, isto é, pela resistência anunciada em todos os números, sobretudo, pelo pessimismo enquanto potencial de rebeldia, transgressão e resistência, evocado por José de Saramago na epígrafe do editorial do número 10:

Não tenho idéia nenhuma de como será o futuro. Serão outros valores, outra forma de entender. Mas aquilo que queria que não se perdesse, o que, no meu ponto de vista, é um valor fundamental, é o respeito pelo outro. Mas os indícios não apontam a esse respeito, pelo contrário.(...) E a realidade de fato não dá grandes motivos para sermos otimistas, pelo contrário. Aliás, eu digo que, quanto mais pessimistas haja, melhor. E por uma razão muito simples: para os otimistas, o mundo está ótimo e, portanto, eles querem não querer mudar o mundo. São os pessimistas que querem mudar o mundo.

Finalmente, o décimo quinto motivo da celebração dos 15 anos da Motrivivência está ligado ao fato de os nossos leitores e assinantes serem também nossos colaborado-

res, críticos e construtores dela e também por serem estudiosos sensíveis, defensores, portanto desse projeto editorial de vida, ciência, arte e humanidade.

Após essa reflexão fundada nos desígnios da história e da memória dos 15 anos da revista, lembramos aos leitores que estamos tentando recuperar a periodicidade da *Motrivivência*, publicando um exemplar que configura dois números. No entanto, cabe salientar que isso só está sendo possível, a partir da verba do Programa PRO-EXTENSÃO da UFSC e não pelo financiamento dos órgãos específicos estaduais ou nacionais de fomento à pesquisa.

Neste Número Especial de 15 anos, a revista não perde sua característica temática, mas agrega no início dela uma seção especial com textos de investigadores convidados para avaliar os 15 anos de sua trajetória, sua relevância social e acadêmica na graduação e pós, seus limites e possibilidades, os rumos ideológicos e epistemológicos de seus editoriais e textos, enfim de sua forma e conteúdo.

Para viabilizarmos tal intento, convidamos alguns pesquisadores e antigos colaboradores da revista para escrever artigos sobre a sua trajetória e história. Neste sentido, Celi Zülke Taffarel, Amália Catharina Cruz, Cristina Paraiso,

David Romão Teixeira e Silvana Rosso abrem a edição especial de 15 anos da revista com o artigo “O que não me mata, me deixa mais vivo”: a revista *Motrivivência* e a indicação de parâmetro teórico-metodológico para a educação física brasileira. Neste texto, os autores e autoras fazem uma bela e aprofundada análise crítica da Revista *Motrivivência*, situando-a no contexto mais geral da produção do conhecimento científico & tecnológico no modo de produção capitalista, a partir de três fontes de dados, concluindo-se pelo reconhecimento de sua contribuição teórico-metodológica na perspectiva reflexiva crítica que deverá ser aprofundada.

Em seguida, Amarílio Ferreira Neto, Omar Schneider, Wagner dos Santos e Silvana Ventrone nos acenam com uma relevante análise dos caminhos percorridos por esta revista, cujo título sugestivo é *Fórmula editorial e graduação: 15 anos de Motrivivência*. O texto aborda a materialidade e fórmula editorial da revista *Motrivivência* a partir de seu aparelho crítico. Na produção veiculada sobre graduação, identifica suas linhas de força em objetos e referenciais teóricos. Os objetos estão concentrados na Licenciatura, Currículo, Prática de Ensino e Estágio Supervisionado e Formação Profissional. Os achados indicam que, apesar da variabilidade

de de autores e fontes, as abordagens teóricas são marcadamente oriundas do campo das Ciências Sociais e Humanas, com ênfase para a orientação do Materialismo Histórico Dialético, da Teoria Crítica e da Teoria Crítica do Currículo.

Seguindo as trilhas dos dois textos anteriores e revivendo a memória de quem viu esta revista nascer, José Américo dos Santos Menezes e Solange Lacks relembram de forma crítica e sensível a sua gênese, a partir do artigo intitulado *Motrivivência: primeiros passos, contribuições e perspectivas*. O trabalho apresenta os primeiros passos da revista *Motrivivência* no final da década de 1980, sua contribuição na formação de professores de Educação Física, bem como as perspectivas futuras.

Para fechar a seção especial dos 15 anos Amarílio Ferreira Neto, Omar Schneider e Wagner dos Santos voltam a cena trazendo um outro artigo, cujo título é *Por que os inventários de fontes são necessários? Catálogo dos 15 anos da revista Motrivivência (1988-2004)*. Nesta perspectiva, os autores discutem a questão da organização de repertórios, guias de fontes e catálogos para a compreensão da história, da educação e da educação física. O catálogo atualizado da revista *Motrivivência* é apresentado como uma ferramenta para pesquisadores

interessados em discutir a interface das ciências humanas e educação física no Brasil no período de 1988 a 2004.

Na seção de artigos, quem começa trazendo suas contribuições é Thelma Hoehne Peres Polato com o texto *Lazer e Trabalho: Algumas reflexões a partir da ontologia do ser social*. O texto coloca o debate em torno da necessidade de compreender o lazer em sua totalidade, para que se possa identificar as relações estabelecidas e as possibilidades do lazer se apresentar como potência transformadora. Na busca de possíveis caminhos que permitam a realização da emancipação humana, o estudo pretende indicar qual a contribuição que a Ontologia do Ser Social pode dar para uma melhor abordagem do tema.

Outro tema também interessante é trazido por Guilherme Menezes Betiollo e Suzana Schuch Santos. Os autores colocam na mesa uma reflexão sobre as *Contribuições do Montanhismo para a Educação Ambiental*, cujo eixo se concentra nas relações entre lazer, esporte, enquanto atividades que devem promover a aproximação do homem com a natureza, resgatando valores como a liberdade, cooperação e solidariedade.

Elenor Kunz fecha a seção de artigos com o texto *Formação profissional em educação Física: revisões e*

alienações. O manuscrito apresenta uma reflexão crítica sobre o processo e o conteúdo das novas Diretrizes Curriculares para a Educação Física Brasileira. Analisa os interesses Burocráticos e Carismáticos (M. Weber) da presença de Leis, Normas, Diretrizes, Resoluções, Pareceres na vida do Profissional Universitário, em especial e, propõe a idéia de Diretrizes para a Formação Profissional em Educação Física baseada na Competência Crítica, no saber sobre a Vida e na Compreensão do Movimento Humano.

Na seção científiquese, com breves informes sobre resultados de pesquisas de mestrado e doutorado, Beleni Saléte Grando é a primeira a apresentar sua tese de doutorado, sob o título *Corpo e educação: Relações Interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri-MT*. A pesquisa teve como foco de interesse a "Educação do Corpo" (educação expressa nas práticas corporais) em contextos interculturais.

A seguir Natacha Eugênia Janata apresenta sua dissertação de mestrado intitulada *O trabalho e o lazer/lúdico das meninas-jovens-mulheres de assentamentos do MST*. Trata-se de uma investigação sobre a juventude feminina de assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, na região de Campos Novos-SC, abordando suas relações e contradições acerca da cultu-

ra do trabalho e do lúdico.

Para encerrar esta seção, Márcio Romeu Ribas de Oliveira comunica também a sua dissertação de mestrado, num texto denominado *Luzes, Câmera e Ação: uma idéia na cabeça e a câmera na mão!* O texto apresenta de forma sintética os elementos conceituais assim como as situações vivenciadas e experimentadas pelas crianças e jovens, e seus desdobramentos com os meios (fotografia, filmagem e edição), tendo como pano de fundo a Educação Física na escola, e que constituem o relato de uma pesquisa-ação.

Experimentando é a próxima seção. Nesta, Sandra Fachineto, Silene Friedrich e Ricardo Rezer brincam um pouco com o conhecimento trazendo para o campo de jogo o texto *Brincando nas ruas da cidade de Chapecó/SC: A Educação Física em busca do resgate das manifestações lúdicas*. Este estudo teve por objetivo resgatar jogos, brincadeiras e brinquedos no contexto das ruas da cidade de Chapecó/SC, palco específico de encontros e vivências destas manifestações lúdicas, na perspectiva de contribuir com reflexões na área da Educação Física.

O espaço destinado à seção Grupo de Estudos desta vez é representada pelo NUPECI-Núcleo de Estudos e Pesquisas da Corporeidade e da Infância. Seus pesquisadores e fundadores são representados por

José Américo Santos Menezes, Luiz Anselmo Menezes Santos e Roselaine Kuhn. O propósito do texto é apresentar a criação do Núcleo, seus objetivos e vínculos institucionais, evidenciando a relevância da pesquisa no âmbito da infância, no que tange as questões afetas a corporeidade, a ludicidade e ao desenvolvimento da criança, bem como a relevância destas na formação do professor de Educação Física.

Aos poucos vamos fechando esta edição e abrindo as portas com a seção final Porta Aberta. Aqui Vanessa Rubert encontra espaço para expor seu texto Lazer e Mídia na Terceira Idade: um estudo sobre as representações sociais. O objetivo deste estudo é examinar as relações entre o discurso midiático sobre lazer e atividade física na 3ª idade e as representações sociais expressas por idosos participantes de programas de ginástica para a 3ª idade.

A seguir, Éden Silva Pereti nos apresenta O espelho Positivo. O texto visa atrever-se nos meandros de alguns elementos que atravessam a perspectiva empírico-analítica de investigação científica, construindo assim uma situação fictícia e inusitada.

Para fechar as portas da seção, chamamos Flávia da Cunha Bastos com seu texto Administração Esportiva: Área de estudo, Pesquisa e Perspectivas no Brasil. Seu texto versa sobre o crescimento da Administração Esportiva no Brasil, principalmente nas últimas décadas, tem sido fruto da evolução econômica, cultural, social e política do país. O objetivo deste trabalho é o de levantar alguns pontos sobre a área no sentido de posicioná-la no contexto nacional.

Nos despedimos dos leitores, assinantes e colaboradores esperando que este projeto possa ser cada vez mais ser reconhecido como espaço para produções de relevância social e teórica e não apenas um veículo técnico-burocrático de veiculação de pesquisas e teorias que nada têm a ver com a concreticidade dos problemas sociais de relevância pública. Desta forma, nos despedimos com a autocrítica de que, apesar reconhecermos as contribuições deste projeto, também sabemos de seus limites, ainda a caminho da superação. Sendo assim, no embalo da valsa, do samba e do forró de 15 anos, festejamos todo esse processo caminhado com o gosto do champanhe, da luta, da utopia e da

resistência, para fechar as portas
desta edição com os versos do po-
eta e compositor Capinan:

E o trigo foi para outros lábios
Que não os que bendisseram a chuva

E choraram o sol com a fome dos filhos
E o pão foi servido na mesa de homens
Que não bendisseram a chuva:
E é novamente preciso semear os campos
De pedra e sol

Florianópolis, primavera 2004.
Os editores.